



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO
LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ANA CLARA DA SILVA GOMES

“LUI RESPEITA JANUÁRU”: um estudo sobre apócope e monotongação a partir da interpretação de *Respeita Januário* por Luiz Gonzaga

**SÃO BERNARDO - MA
2026**

ANA CLARA DA SILVA GOMES

“LUI RESPEITA JANUÁRU”: um estudo sobre apócope e monotongação a partir da interpretação de *Respeita Januário* por Luiz Gonzaga

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo, como requisito para obtenção do título de licenciada em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Amorim.

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

da Silva Gomes, Ana Clara. "LUI RESPEITA JANUÁRIO":
um estudo sobre apócope e monotongação a partir da
interpretação de Respeita Januário por Luiz Gonzaga /
Ana Clara da Silva Gomes. 2026.
27 p.

Orientador(a): Dr. Thiago de Sousa Amorim.
Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa,
Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do
Maranhão, 2026.

1. Variações. 2. Fonológicas. 3. Apócope. 4.
Monotongação. I. de Sousa Amorim, Dr. Thiago. II. Título.

ANA CLARA DA SILVA GOMES

“LUI RESPEITA JANUÁRU”: um estudo sobre apócope e monotongação a partir da interpretação de *Respeita Januário* por Luiz Gonzaga

Artigo Científico apresentado ao curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo, como requisito para obtenção do título de licenciada em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa.

Aprovado em: 01 de Julho de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim – Presidente
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Me. Rômulo Silvestre Quaresma Mendes – Avaliador Externo
Instituto Federal do Piauí – IFPI

Profa. Ma. Maria Verônica Oliveira Simão – Avaliadora Interna
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

“LUI RESPEITA JANUÁRU”: um estudo sobre apócope e monotongação a partir da interpretação de *Respeita Januário* por Luiz Gonzaga

“LUI RESPEITA JANUÁRU”: un estudio sobre apócope y monoptongación a partir de la interpretación de Luiz Gonzaga de *Respeita Januário*

Ana Clara da Silva Gomes (UFMA)

Resumo: O presente artigo aborda fenômenos de variação fonológica na música *Respeita Januário*, de Luiz Gonzaga, analisando como essas variantes refletem a oralidade popular nordestina e a diversidade linguística do português brasileiro. A pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, fundamenta-se nos estudos da Sociolinguística e da Fonologia, dos autores Bortoni-Ricardo (2004; 2014), Mollica (2011) e Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011) entre outros autores, discutindo a língua como prática social heterogênea e culturalmente marcada. A análise da canção permitiu identificar ocorrências de apócope, caracterizada pela supressão de fonemas finais, e de monotongação, processo de redução de ditongos a vogais simples, fenômenos recorrentes na fala popular. O estudo demonstra que essas formas linguísticas não representam erros, mas manifestações legítimas da linguagem em uso. Além disso, destaca-se a importância da música como recurso pedagógico no ensino de Língua Portuguesa, promovendo reflexões sobre variação linguística, identidade cultural e combate ao preconceito linguístico nas práticas educacionais.

Palavras-chave: variações fonológicas; apócope; monotongação.

Resumen: El presente artículo aborda fenómenos de variación fonológica presentes en la música *Respeita Januário*, de Luiz Gonzaga, analizando cómo estas variantes reflejan el lenguaje oral popular del noreste de Brasil y la diversidad lingüística del portugués brasileño. La investigación, de carácter cualitativo y bibliográfico, se basa en estudios de sociolingüística y fonología de autores como Bortoni-Ricardo (2004; 2014), Mollica (2011) y Seara, Nunes y Lazzarotto-Volcão (2011), entre otros, que conciben el lenguaje como una práctica social heterogénea y culturalmente marcada. El análisis de la canción permitió identificar casos de apócope, caracterizada por la supresión de fonemas finales, y monoptongación, proceso de reducción de diptongos a vocales simples, fenómenos recurrentes en el habla popular. El estudio demuestra que estas formas lingüísticas no representan errores, sino manifestaciones legítimas del lenguaje en uso. Además, se destaca la importancia de la música como recurso pedagógico en la enseñanza del portugués, promoviendo reflexiones sobre la variación lingüística, la identidad cultural y la lucha contra los prejuicios lingüísticos en las prácticas educativas.

Palabras claves: variaciones fonológicas; apócope; monoptongación.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua é um fenômeno social, histórico e cultural, estando em constante transformação de acordo com os contextos em que é utilizada. Nesse sentido, a Sociolinguística surge como um importante campo dos estudos linguísticos, ao compreender que a língua não é homogênea, mas marcada por diferentes variedades que refletem aspectos regionais, sociais, culturais e históricos dos falantes. Dessa forma, os usos linguísticos presentes no cotidiano devem ser

entendidos como manifestações legítimas da linguagem, e não como meros desvios da norma padrão.

No Brasil, a diversidade linguística manifesta-se de maneira bastante expressiva, principalmente em regiões marcadas por fortes identidades culturais, como o Nordeste. As variantes linguísticas presentes na oralidade nordestina carregam traços históricos e culturais que contribuem para a construção da identidade regional. Entretanto, muitas dessas formas de fala ainda são alvo de preconceito linguístico, especialmente quando comparadas à norma-padrão da língua portuguesa, socialmente associada ao prestígio e à escolarização

Entre os diversos fenômenos linguísticos presentes na oralidade popular, destacam-se os fenômenos fonológicos, que envolvem alterações na pronúncia das palavras sem comprometer sua compreensão. Dentre esses processos, a apócope e a monotongação aparecem com frequência na fala popular brasileira. A apócope caracteriza-se pela supressão de sons no final das palavras, enquanto a monotongação ocorre quando um ditongo é reduzido a uma vogal simples. Tais fenômenos são recorrentes em situações de fala espontânea e podem ser observados em diferentes manifestações culturais, especialmente na música popular.

Nesse contexto, as canções de Luiz Gonzaga destacam-se como importantes representações da cultura nordestina e da linguagem popular. Conhecido como o “Rei do Baião”, Luiz Gonzaga utilizava em suas músicas expressões e construções linguísticas características da oralidade regional, valorizando a identidade cultural do povo nordestino. A música *Respeita Januário* apresenta diversos exemplos de variações fonológicas, tornando-se um rico material de análise para os estudos sociolinguísticos e trabalho pedagógico. Assim, a pesquisa busca responder ao seguinte questionamento: que palavras cantadas por Luiz Gonzaga configuram processos variacionais por apócope e monotongação? E como isso pode ser articulado com o ensino de língua portuguesa?

Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar os processos fonológicos de apócope e monotongação presentes na música *Respeita Januário*, observando como essas variantes refletem aspectos culturais, sociais e linguísticos da fala popular nordestina. Além disso, busca-se discutir a importância da Sociolinguística no contexto educacional, especialmente no ensino de Língua Portuguesa, ressaltando a necessidade de valorização das diferentes variedades linguísticas em sala de aula, a partir da análise da música em tela.

A pesquisa baseia-se nos estudos dos autores Bortoni-Ricardo (2004; 2014), Mollica (2011) e Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011), entre outros autores, discutindo a língua como prática social heterogênea e culturalmente marcada, voltados para a fonologia e a variação linguística. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, baseada

na análise de trechos da música selecionada, identificando ocorrências dos fenômenos fonológicos estudados.

Assim, este estudo pretende contribuir para a reflexão acerca da diversidade linguística do português brasileiro, evidenciando a importância do respeito às diferentes formas de falar e reforçando o papel da escola na construção de uma educação sociolinguística mais inclusiva, crítica e consciente da pluralidade cultural existente no país.

2 PRINCÍPIOS DA SOCIOLINGUÍSTICA E SUA INTERFACE COM A EDUCAÇÃO

A Sociolinguística configura-se como um campo dos estudos linguísticos que emerge da necessidade de compreender a língua em seu uso social efetivo. Seu surgimento está diretamente ligado à crítica às correntes tradicionais da linguística, sobretudo ao estruturalismo e ao gerativismo, que concebiam a língua como um sistema homogêneo, abstrato e dissociado dos sujeitos falantes.

A partir da segunda metade do século XX, especialmente na década de 1960, passa-se a reconhecer que a língua é intrinsecamente heterogênea, variável e condicionada por fatores sociais, históricos e culturais. Para a autora Mollica (2010):

A Sociolinguística é um dos sub-ramos da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, adotando o campo para um tipo de investigação que considera aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se apresenta em um espaço de intersecção, na fronteira entre língua e sociedade, focando principalmente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (Mollica, 2010, p. 9).

A Sociolinguística compreende a língua como um fenômeno social e dinâmico, inseparável do contexto em que é utilizada. Ao enfatizar a intersecção entre língua e sociedade, a autora reforça que as formas de falar variam de acordo com os grupos sociais e situações comunicativas. Além disso, valoriza o caráter heterogêneo da língua, reconhecendo que a diversidade linguística não é erro, mas uma característica natural das comunidades de fala. Assim, a Sociolinguística contribui para uma visão mais inclusiva e realista da linguagem.

Conforme aponta Mollica (2010), a Sociolinguística fundamenta-se no entendimento de que a variação linguística não ocorre de maneira aleatória nem representa desorganização do sistema, mas constitui um fenômeno regular e sistemático. Assim, as distintas formas de falar observadas em uma comunidade linguística refletem condicionamentos sociais, tais como classe social, nível de escolaridade, faixa etária, gênero, região geográfica e contexto comunicativo. Desse modo, a língua passa a ser concebida como um fenômeno dinâmico, em constante transformação, no qual a variação é um elemento constitutivo de seu funcionamento.

Em seu livro de 2014, *Manual de Sociolinguística*, Bortoni-Ricardo aborda que a Sociolinguística se consolida como uma área de caráter interdisciplinar, estabelecendo diálogos com campos como a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia Social, apoiando-se em contribuições fundamentais de estudiosos como Antoine Meillet, Mikhail Bakhtin e o Círculo Linguístico de Praga.

A constituição da Sociolinguística representa uma mudança paradigmática nos estudos da linguagem, ao deslocar o foco da língua idealizada para a língua em uso, ao reconhecer a diversidade linguística como legítima e sistemática. Essa área contribui para o enfrentamento do preconceito linguístico e para a construção de uma compreensão mais democrática da linguagem, especialmente no âmbito educacional, em que a valorização das diferentes variedades linguísticas se torna fundamental.

De acordo com a Sociolinguística, os sujeitos inicialmente têm contato com as variantes informais, presentes no dia a dia, e com o tempo e a escolarização, cultura ou acesso a literatura, estes sujeitos são apresentados à forma culta, como cita Mollica (2010):

Os sociolinguistas têm-se voltado para a análise dessas relações, e o preconceito linguístico tem sido um ponto muito debatido na área, pois ainda predominam as práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado, tomando-se como referência o padrão culto. As línguas, em geral, apresentam uma diversidade que se distribui em continuum, da qual o falante adquire primeiro as variantes informais e, num processo sistemático e paulatino, pode vir a apropriar-se de estilos e gêneros mais formais, aproximando-se das variedades cultas e da tradição literária. (Mollica, 2010. p. 13).

Dentro do âmbito educacional, principalmente na educação básica, o ensino da língua padrão/língua dominante é obrigatório, pois é lá onde a criança vai passar por todo seu processo de desenvolvimento da fala e da língua. Então, em algumas situações e por meio da visão que muitos professores têm em decorrência de um ensino ainda de século passado, alguns acabam ignorando a forma que a criança ou o jovem se comunica, e emprega apenas a gramática padrão. Porém, dentro de um cenário voltado à sociolinguística, o ensino de diferentes formas de comunicação e linguagens é de grande importância dentro da sala de aula.

A escola então não pode ignorar essas diferenças sociolinguísticas, os educadores têm que ressignificá-las e fazer com que os alunos entendam que existem várias maneiras de dizer a mesma coisa, pois isso vai decorrer de vários processos que podem estar acarretados com os meios onde esses alunos estejam incluídos. Mas, é de fato que, a validação dessas diferenças sociolinguísticas não podem se sobrepor ao ensino da língua padrão, pois ela traz consigo o poder da ascensão social, sendo esta, não somente relacionada a questões financeiras, mas ao status que se eleva ao aprender corretamente a língua dominante.

O domínio dessa variedade linguística amplia as oportunidades dos alunos, permitindo seu acesso a contextos formais, como o meio acadêmico e o mercado de trabalho, nos quais a língua padrão é frequentemente exigida. Além disso, seu conhecimento não está relacionado apenas a questões econômicas, mas também ao reconhecimento social e ao prestígio, que influenciam diretamente a forma como o indivíduo é visto e inserido na sociedade. Dessa maneira, ao ensinar a norma padrão sem desvalorizar as demais variantes, a escola contribui para a formação de sujeitos mais preparados para transitar entre diferentes espaços sociais e alcançar melhores condições de vida.

Quando a língua padrão é associada à classe social, torna-se símbolo de status, como afirma Bortoni Ricardo (2014, p. 71): “As classes sociais que detêm prestígio e poder têm amplo acesso a ela; as classes inferiores na pirâmide social aspiram ao domínio dessa norma padronizada, que vão aprender na escola. O processo é paralelo ao de sua mobilidade social ascendente”. E não somente isso, mas, mesmo que não seja necessário para esses grupos, é de suma importância que a variante padrão seja ensinada e aprendida.

Sobre esse aspecto, Bortoni Ricardo (2014, p. 14) afirma:

O prestígio associado ao português-padrão é sem dúvida um valor cultural muito arraigado, herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação. Podemos e devemos questioná-lo, desmistificá-lo e demonstrar sua relatividade e seus efeitos perversos na perpetuação das desigualdades sociais, mas negá-lo, não há como.

Ou seja, essas diferenças sociolinguísticas devem ser sim aproveitadas em um contexto educacional, porém a gramática padrão não pode ser esquecida, pois ela é cobrada em contatos diferentes. A escola é o local onde a criança passa grande parte de seu tempo, então ela precisa abraçar suas singularidades, principalmente as da fala e escrita.

Decorrente de uma pesquisa sociolinguística feita no Brasil, o livro de Stella Maris Bortoni-Ricardo de 2005, *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação*, vai abordar os sentidos da aplicação da sociolinguística em sala de aula. E sua base de desenvolvimento se deu a partir de uma declaração feita pelo grande educador Paulo Freire, onde ele diz que: não deve ser julgado ou reprimido o aluno que fale, “nós chegemu na escola”, pois a linguagem faz parte do patrimônio brasileiro.

Partindo desse pressuposto, a autora vai conceituar as variações da linguagem no Brasil como continuum horizontal, em que as variedades se distribuem sem fronteiras definidas, e isso de fato é conclusivo, principalmente quando pensamos na maneira em que alguns grupos se

comunicam, e isso vai ser decorrente a inúmeros fatores, como o migratório e o grau de escolaridade, por exemplo.

Mas, ela entra em um ponto consensual, dentro da linguística, que é: a norma padrão se sobressai diante das variantes, porque seu processo é histórico, que a legitimou como tal. Ela então aborda dois tipos de padronização, a que é relacionada ao contexto, que é considerada como certa nas situações sociais, e a que é relacionada à classe social, onde todos os membros da comunidade têm acesso a ela, e este aspecto será visto logo mais.

Em alguns países em que a língua é condicionada, as variantes são vistas como uma variante íntima, que é falada apenas no ambiente familiar, e a outra, a norma padrão, usada no meio social. Algo que podemos dizer que acontece no Brasil, essa separação entre forma íntima de se comunicar, com uma forma mais social, onde ser formal é necessário. É importante que educadores façam a percepção disso, e auxiliem os alunos na compreensão de que não há nada de errado em ter variantes fora na norma culta, que elas tanto quanto as normativas são importantes.

Um tópico bastante importante é a homogeneidade da linguagem, algo como uma padronização da linguagem. A escola tem um dos papéis primordiais, pois é onde esse processo acontece. Na situação brasileira é abordado que essa força que segue essa padronização é representada por um vetor de assimilação, mas o único processo é de acesso restrito à língua padrão, ou variedade padrão, que “[...] é aquela variedade de uma comunidade de fala que é legitimada e institucionalizada como um método suprarregional de comunicação, como resultado de várias circunstâncias sociopolíticas, relacionadas à detenção do poder, no processo histórico.” (Dittmar, 1976, p. 107, *apud* Bortoni-Ricardo, 2014). No Brasil isso é falho, pois vemos que as classes mais baixas têm suas variações da linguagem baseadas não na forma culta, mas sim na forma não culta, isso porque a precariedade do estudo existe, e junto com ela o analfabetismo, e isso acaba quebrando o conceito de homogeneidade.

De forma mais clara, toda língua apresenta variação, ou seja, diferentes maneiras de dizer a mesma coisa. Cada uma dessas maneiras é chamada de variante linguística. Entre essas variantes, algumas passam a ser vistas como “melhores”, “mais corretas” ou “mais adequadas” em determinados contextos sociais. A sociolinguística apresenta conceitos importantes, tais como, as variantes de prestígio e as estigmatizadas.

As variantes de prestígio, referem-se a uma forma linguística que é socialmente valorizada dentro de uma comunidade de fala. Essa valorização não acontece por motivos linguísticos naturais, mas por fatores sociais, históricos e culturais.

Por outro lado, existem as variantes estigmatizadas que correspondem a formas de uso da língua que sofrem discriminação social, não por apresentarem inadequações linguísticas, mas por estarem associadas a grupos socialmente menos valorizados em termos econômicos, culturais ou educacionais. A Sociolinguística evidencia que esse estigma tem origem social, e não linguística, como aborda Paulista (2016, p. 163):

Variantes estigmatizadas: são as variantes desprestigiadas da língua que são utilizadas pela maioria da população que vive nas grandes cidades, nas zonas rurais, nas periferias dos grandes centros urbanos, pelos pobres, miseráveis, semianalfabetos ou analfabetos. [...] Variantes de prestígio: são aquelas que adquirem valor em função do poder e da autoridade que os falantes detêm nas suas relações econômicas e culturais, é conhecida como detentora de prestígio social entre os membros da comunidade.

Desta forma, pode ser observado o caráter social das variantes, e como determinados grupos podem padronizá-las, e em determinados casos, fazer com que a forma culta seja esquecida, ou menos utilizada, como nos casos de: <tá> = em vez de *está*; <cê> vai? = em vez de *você* vai? Esses exemplos são comumente observados, e para algumas pessoas se trata da forma correta de falar ou escrever, porém, mesmo não sendo a forma padrão, não são erradas, apenas variantes, que nascem da necessidade da comunicação rápida, na tentativa de reduzir os esforços articulatórios, de deixar estruturas mais simples, e até estilizar a forma que nos comunicamos, e todas essas estruturas podem construir formas diferentes de comunicação.

Ainda dentro dessa discussão sobre as variantes linguísticas, é importante considerar que elas não se manifestam de maneira homogênea, podendo ser analisadas a partir de traços graduais e descontínuos, conforme propõe Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), que, ao fazer uma análise sobre o contínuo de urbanização aborda os termos “traços graduais e traços descontínuos”. Ela explica que os traços graduais são aqueles que se organizam em um continuum linguístico, no qual as formas variam de maneira progressiva, sem rupturas abruptas, permitindo observar transições sutis entre diferentes realizações da língua. Esse fenômeno pode ser percebido, por exemplo, nas variações que envolvem redução fonética ou simplificação de estruturas, em que uma forma se aproxima da outra gradativamente.

Por outro lado, os traços descontínuos caracterizam-se por apresentarem uma separação mais nítida entre as variantes, configurando escolhas linguísticas distintas que não se distribuem de forma contínua, mas sim marcadas por rupturas. Essas diferenças, em geral, estão associadas a fatores sociais, como nível de formalidade, escolarização e contexto de uso, evidenciando que determinadas variantes são empregadas em situações específicas, enquanto outras são evitadas.

Para Bortoni-Ricardo (2004, p. 53):

Alguns itens ali são típicos dos falares situados no polo rural e que vão desaparecendo à medida que nos aproximamos do polo urbano. Dizemos, então, que esses traços têm uma distribuição descontínua porque seu uso é "descontinuado" nas áreas urbanas. Há outros traços na nossa listinha do Chico Bento que estão presentes na fala de todos os brasileiros e, portanto, se distribuem ao longo de todo o contínuo. Esses traços, ao contrário dos outros, têm uma distribuição gradual. Vamos chamá-los de traços graduais. Observe que os traços descontínuos são os que recebem a maior carga de avaliação negativa nas comunidades urbanas.

Dessa forma, a distinção entre traços graduais e descontínuos reforça o caráter sistemático da variação linguística, demonstrando que a língua se organiza tanto por meio de continuidades quanto de contrastes bem definidos. Tal compreensão contribui para uma análise mais aprofundada das práticas linguísticas, especialmente no contexto educacional, em que reconhecer essas diferentes formas de variação é essencial para promover um ensino mais inclusivo e consciente da diversidade linguística.

Como exemplos de traços graduais e descontínuos nos usos do português brasileiro, citamos o caso de <tô>, ao invés de *estou*, no qual se aplica o primeiro traço pelo fato de ser um uso amplamente recorrente na variedade de prestígio e não ser alvo de avaliações negativas e estigma linguística; já o caso de <framengo>, ao invés de *flamengo*, marca um fenômeno explícito do segundo traço, em virtude de que é um uso comum a variedades estigmatizadas, sendo, portanto, alvo de preconceito e valorações negativas.

Ao abordar questões de variações, um recorte que pode ser feito aqui é que existem, variação linguística: lexical, fonética, fonológica, morfológica e sintática, e cada uma delas possui uma estrutura específica, e abordar todas elas, é um trabalho vasto. Em nosso trabalho, o foco recai para a análise da variação linguística fonológica, da qual trataremos no próximo tópico.

2.1 Variação fonológica no contexto do ensino

Dentro do contexto educacional, uma questão pode ser comumente encontrada: as variações fonológicas, tão comuns que a forma considerada padrão pode ser esquecida, sendo empregadas apenas as variantes.

A variação fonológica é um fenômeno linguístico que ocorre quando há diferenças na pronúncia dos sons das palavras, sem que isso altere o seu significado. Esse tipo de variação é bastante comum em qualquer língua e pode ser influenciado por fatores regionais, sociais, culturais e até mesmo pelo contexto de comunicação, como discorrem Coelho *et al.* (2010).

No português falado no Brasil, por exemplo, é possível observar diferentes formas de pronunciar uma mesma palavra, como, *mesmo*, que pode ser dita como <mermo>; *para*, que

muitas vezes é pronunciada como <pra>. Abaixo, pode ser visto um demonstrativo de algumas dessas variações.

Quadro 1 – Exemplos de variação fonológica

Variante padrão	Variante fonológica	Exemplo em uso
<i>mesmo</i>	<mermo>	“É mermo assim?”
<i>menino</i>	<minino>	“O minino saiu”
<i>pequeno</i>	<piquenu>	“Oxe piqueno”
<i>você</i>	<ocê>	“Ocê vai?”
<i>para</i>	<pra>	“Vô pra casa”
<i>falar</i>	<fala>	“Vô falá com ele”

Fonte: criação própria.

Essas variações não devem ser vistas como erros, mas como manifestações naturais da língua em uso. Cada grupo social ou região desenvolve suas próprias características de fala, o que contribui para a riqueza e diversidade linguística do país. Além disso, a variação fonológica pode ocorrer também em situações de fala mais informal, em que os falantes tendem a reduzir ou modificar sons para facilitar a comunicação.

Na área da Sociolinguística estudam-se essas variações e busca-se compreender como e por que elas acontecem. A partir dessa perspectiva, entende-se que não existe uma forma “correta” de falar, mas sim diferentes formas adequadas a diferentes contextos. Dentro do contexto social brasileiro, na região nordeste do Brasil pode ser percebido um vasto leque de variantes, estas também acabam sendo as mais estigmatizadas e que sofrem preconceito, por uma imagem estereotipada que grande parte dos brasileiros fazem da região.

O papel do professor e consequentemente da escola é abraçar essas singularidades, e ensinar de acordo com a realidade. No contexto da educação e do ensino de Língua Portuguesa, é fundamental que o professor reconheça e valorize a variação fonológica presente na fala dos alunos. Em vez de tratar essas diferenças como erros, a escola deve utilizá-las como ponto de partida para o ensino da variante padrão, promovendo a reflexão sobre os diferentes usos da língua.

Dessa forma, o aluno aprende a adequar sua fala e sua escrita às diversas situações comunicativas, sem desvalorizar sua forma de expressão. Assim, o ensino torna-se mais inclusivo e contribui para a formação de cidadãos críticos, conscientes da diversidade linguística e capazes de combater o preconceito linguístico, como discorre Bortoni-Ricardo (2004, p. 42):

Da perspectiva de uma pedagogia culturalmente sensível aos saberes dos alunos, podemos dizer que, diante da realização de uma regra não padrão pelo aluno, a estratégia da professora deve incluir dois componentes: a identificação da diferença e a conscientização da diferença. A identificação fica prejudicada pela falta de atenção ou pelo desconhecimento que os professores tenham a respeito daquela regra. [...] O segundo componente — a conscientização — suscita mais dificuldades. É preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo, mas esta conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/aprendizagem, isto é, sem causar interrupções inoportunas.

Essas variantes aparecem no cenário e se fixam na cultura e no inconsciente social, elas aparecem em textos e cordéis, por exemplo. Além do contexto escolar, as variações linguísticas também se manifestam em produções culturais, especialmente na música, que atua como um importante meio de difusão da linguagem popular. Nesse sentido, as canções refletem as formas de fala de diferentes grupos sociais, contribuindo para a valorização da diversidade linguística.

Um exemplo significativo pode ser observado nas músicas de Luiz Gonzaga, importante representante da cultura nordestina. Em suas composições, é possível identificar diversas ocorrências de variações fonológicas e morfossintáticas, como a redução de palavras, alterações na pronúncia e construções sintáticas características da fala popular.

Essas manifestações não devem ser compreendidas como desvios da norma padrão, mas como recursos expressivos que reforçam a identidade cultural e regional. Desse modo, a música pode ser utilizada como ferramenta pedagógica no ensino de Língua Portuguesa, possibilitando ao aluno reconhecer, analisar e compreender as diferentes variedades linguísticas presentes no seu cotidiano.

Assim, ao incorporar canções no processo de ensino, o professor contribui para uma aprendizagem mais significativa, promovendo o respeito à diversidade linguística e combatendo o preconceito linguístico. Neste cenário podem ser percebidos inúmeros fenômenos fonológicos, dois que podemos esmiuçar são os processos de apócope e de monotongação.

A apócope é um fenômeno fonológico que consiste na supressão de sons, letras ou sílabas no final das palavras durante a fala, como aborda Jesse (2016, p. 23): “Dentro desse grande universo de metaplasmos, existe a apócope, que é um processo de redução em que um

fonema é suprimido em finais de sílabas, na posição de coda.” Esse processo acontece com frequência na língua portuguesa, especialmente em situações de comunicação informal e espontânea. Na linguagem oral, os falantes costumam simplificar a pronúncia das palavras para tornar a conversa mais rápida e natural, favorecendo o surgimento desse fenômeno linguístico.

No português brasileiro, a apócope pode ser percebida em diversas expressões usadas no cotidiano. Palavras como *amar*, pronunciada apenas como <amá> e *beber*, pronunciada como <bebê>, são exemplos comuns. Essas formas aparecem em diálogos informais, músicas, redes sociais e em diferentes manifestações culturais. Apesar de algumas pessoas considerarem essas reduções inadequadas, sobretudo na escrita, elas fazem parte da variação natural da língua e refletem a diversidade presente na fala dos brasileiros.

Além disso, a apócope está ligada às transformações que as línguas sofrem ao longo do tempo. Muitas palavras passaram por mudanças fonológicas semelhantes até chegarem às formas atuais. A ocorrência desse fenômeno pode variar de acordo com a região, a idade dos falantes, o contexto social e o nível de formalidade da comunicação. Em determinadas comunidades, certas reduções tornam-se características marcantes da identidade linguística local. Portanto, a apócope é um fenômeno importante para os estudos da fonologia, pois demonstra que a língua está em constante mudança. Analisar essas transformações contribui para compreender melhor a variação linguística e o funcionamento da fala nas situações do dia a dia.

Já a monotongação é um fenômeno fonológico que ocorre quando um ditongo é transformado em uma vogal simples durante a pronúncia das palavras. Em outras palavras, acontece a redução de duas vogais pronunciadas na mesma sílaba para apenas um som vocálico. Esse processo é bastante comum na fala cotidiana e aparece principalmente em situações informais de comunicação. No português brasileiro, a monotongação pode ser observada em palavras como *caixa*, pronunciada por muitas pessoas como <caxa>, e *peixe*, que pode soar como <pexe>. Outro exemplo frequente ocorre com a palavra *roupa*, pronunciada como <ropa> em algumas variedades linguísticas. Essas reduções são mais comuns na oralidade, pois os falantes tendem a simplificar a articulação das palavras para tornar a fala mais rápida e espontânea, Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011 p. 43) explicam que:

Monotongação é o processo pelo qual o ditongo passa a ser produzido como uma única vogal. Nesse caso, há um apagamento da semivogal. Frequentemente, monotongam-se os ditongos [aj], [ej] e [ow], os dois primeiros quando diante de [ʃ], [ʒ] e [r], como em *peixe* ['peʃi], *queijo* ['keʒu] e *freira* ['frere]. Já o ditongo [ow] monotonga-se em qualquer ambiente.

Esse fenômeno varia de acordo com fatores sociais e regionais. Em algumas regiões do Brasil, a monotongação é mais frequente e faz parte das características da fala local. Além disso, ela pode ocorrer com maior intensidade em contextos informais, enquanto na escrita e em situações formais geralmente se preserva a pronúncia considerada padrão.

A monotongação também está relacionada às transformações naturais das línguas ao longo do tempo. Muitos processos fonológicos semelhantes contribuíram para mudanças na pronúncia e na formação das palavras atuais. Dessa maneira, o estudo da monotongação ajuda a compreender melhor a variação linguística, a diversidade da fala e a constante evolução da língua portuguesa.

3 METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa e bibliográfica, fundamentado nos pressupostos teóricos da Sociolinguística. A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar uma análise interpretativa dos fenômenos linguísticos presentes no *corpus* selecionado, considerando seus aspectos sociais, culturais e linguísticos. Já a pesquisa bibliográfica permitiu o levantamento e a discussão de conceitos teóricos relacionados à variação linguística e ao ensino de Língua Portuguesa, a partir de autores como Mollica (2010), Bortoni-Ricardo (2014), Coelho *et al.* (2010), entre outros estudiosos da área.

O *corpus* de análise desta pesquisa consiste na música *Respeita Januário*, interpretada por Luiz Gonzaga. A escolha da canção ocorreu em razão da forte presença de marcas da oralidade nordestina, bem como da ocorrência recorrente de fenômenos fonológicos característicos da fala popular brasileira, especialmente os processos de apócope e monotongação.

Inicialmente, realizou-se um levantamento bibliográfico acerca dos princípios básicos da Sociolinguística, da variação linguística e dos fenômenos fonológicos estudados. Anteriormente, havia sido decidido que o trabalho seria voltado à morfossintaxe e à fonologia, porém, com o tempo e estudos aprofundados, foi necessária uma mudança na pesquisa, em que a pesquisa focou apenas na análise fonológica, a considerar dois processos muito recorrentes no *corpus*, os fenômenos de apócope e monotongação. Visto isso, foi feita a transcrição e observação detalhada da letra da música por meio da audição, identificando palavras e expressões que apresentavam alterações fonológicas em relação à variante padrão da língua portuguesa, aprofundadas nestes dois processos.

Após a identificação dessas ocorrências, os dados foram organizados em quadros analíticos, nos quais foram apresentados os processos fonológicos observados, as variantes não

padrão encontradas na música, suas respectivas formas na norma padrão e a localização dos exemplos dentro da canção. Posteriormente, cada ocorrência foi analisada à luz dos referenciais teóricos utilizados na pesquisa, buscando compreender de que forma os fenômenos de apócope e monotongação se manifestam na oralidade popular nordestina.

Além da análise linguística, também foi realizada uma reflexão sobre as contribuições pedagógicas desse tipo de estudo para o ensino de Língua Portuguesa. Nesse sentido, considerou-se a importância de abordar as variedades linguísticas em sala de aula de maneira crítica e inclusiva, valorizando a diversidade cultural e combatendo o preconceito linguístico.

Dessa forma, o percurso metodológico desta pesquisa possibilitou uma investigação reflexiva sobre os fenômenos fonológicos presentes na música popular nordestina, contribuindo para a compreensão da língua como prática social heterogênea, dinâmica e culturalmente marcada.

Em uma música, os estudos fonológicos encontram um vasto campo para produção, uma vez que o compositor tem licença poética para escrever de acordo com o que imagina ou fala. As músicas seguem padrões diferentes das poesias, mesmo sendo similares em vários quesitos, elas seguem um roteiro próprio, podendo conter formas diferentes de dizer algo. Dentro do campo das variações, existem inúmeros exemplos de canções que possuem em seu corpo variações linguísticas.

Quando essas músicas representam o contexto regional de uma localidade, as variações são bem mais demarcadas, como nos casos das músicas de cantores nordestinos, que fazem questão de usarem em suas músicas a língua conforme seu uso, neste tópico serão analisadas variações fonológicas na música *Respeita Januário*, interpretada por Luiz Gonzaga.

A música *Respeita Januário*, de 1950, do grande cantor nordestino Luiz Gonzaga, apresenta uma rica variedade de fenômenos fonológicos característicos da fala popular nordestina. As palavras destacadas na letra revelam modificações nos sons da língua, mostrando processos fonológicos comuns na oralidade regional, dentro desse contexto aparecem apócope e monotongação como principais.

Abaixo, segue a transcrição da música, e logo após a análise fonológica desenvolvida a partir das variações fonológicas observadas nela.

LUIZ GONZAGA – RESPEITA JANUÁRIO

V1 Quando eu voltei lá no sertão

V2 Eu quis <mangá> de Januáru

V3 Com meu fole pratiado

V4 Só de <baxo>, centi e vinte, botão preto bem juntinho

V5 Como nêgo impariado

- V6 Mas antes de <fazê> bunito de passage pur Granito
 V7 Foru logo me dizendo
 V8 "De Taboca à Rancharia, de Salgueira Bodocó, Januáru é o <maió>
 V9 E foi aí que me <falô> meio zangado o vêi Jacó
 V10 <Lui> respeita <Januáru>
 V11 <Lui> respeita <Januáru>
 V12 Lui, tu pode <sê> famoso, mas teu pai é mais tioso
 V13 E com ele ninguém vai, Lui, Lui
 V14 Respeita uzoito baixo do teu pai
 V15 Respeita os oito baixo do teu pai
 V16 Eita cum seiscentos milhões, mas já se viu
 V17 Dispois que esse <fi> de Januário vortô do sul
 V18 Tem sido um arvorço da peste lá pa banda do Novo Exu
 V19 Todo mundo vai <vê> o diabo do nego
 V20 Eu também fui, mas num gostei
 V21 O nego tá muito mudificado
 V22 Nem parece aquele mulequim que saiu daqui em 1930
 V23 Era malero, bochudo, cabeça-de-<papagai>, zambeta, <fei> <pá> peste
 V24 Qual o quê
 V25 O nêgo agora 'tá gordo que parece um <majó>
 V26 É uma casemira lascada
 V27 Um <diero> danado
 V28 <Enricô>
 V29 'Tá rico
 V30 Pelos cálculos que eu fiz, ele deve <possuí> pra mais de dez contos de réis
 V31 Sofonona grande danada 120 baixos
 V32 É muito baixo
 V33 Eu nem sei pra que tanto baixo
 V34 Porque arreparando bem ele só toca em 2
 V35 Januáru não
 V36 O fole de Januário tem 8 baixos, mas ele toca em todusoito
 V37 Sabe de uma coisa?
 V38 Luiz 'tá com muito cartaz
 V39 É um cartaz da peste
 V40 Mas ele precisa <respeitá> os 8 baixos do pai dele
 V41 E é por isso que eu canto assim
 V42 Lui respeita Januáru
 V43 Lui respeita Januáru
 V44 Lui, tu pode ser famoso
 V45 Mas teu pai é mais tihoso nem com ele ninguém vai, Lui, Lui
 V46 Respeita os oito baixo do teu pai
 V47 Respeita os oito baixo do teu pai
 V48 Respeita os oito baixo do teu pai

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47100/>

Quadro 2 – Variação fonológica em *Respeita Januário*: casos de apócope

VARIANTES NÃO PADRÃO	VARIANTE PADRÃO	REFERÊNCIA
-------------------------	--------------------	------------

<mangá>	<i>mangar</i>	V2
<fazê>	<i>fazer</i>	V6
<maió>	<i>maior</i>	V8
<Lui>	<i>Luiz</i>	V10
<sê>	<i>ser</i>	V12
<fi>	<i>filho</i>	V17
<vê>	<i>ver</i>	V19
<pa>	<i>para</i>	V23
<fei>	<i>feito</i>	V23
<papagai>	<i>papagaio</i>	V23
<majó>	<i>major</i>	V25
<possuí>	<i>possuir</i>	V30
<respeitá>	<i>respeitar</i>	V40

Fonte: dados do *corpus*.

Iniciando a análise das variantes, podemos ver a palavra <mangá> no (V2), palavra que carrega o sentido do verbo sorrir, ocorre o processo de apócope, que é a supressão de um fonema específico, no caso da palavra o fonema /r/ no final do verbo *mangar* é suprimido. O mesmo fenômeno aparece em <fazê> no (V6) quando ocorre a supressão do fonema final /r/.

Segundo Callou e Leite (1994, p. 45, *apud* Amorim; Carvalho, 2021, p. 12):

Esse fenômeno enquadra-se no grupo dos — processos que apagam segmentos [...], tradicionalmente denominados síncope, aférese, apócope [...]. Para se classificar um processo fonológico por apagamento, é necessário, pois, verificar a posição em que há a perda de elemento(s) segmental(is), visto que a eliminação de um fonema na posição inicial do vocábulo caracteriza um caso de aférese, como em <tá> ao invés de <está>; na posição medial indica um caso de síncope, como em <xícra> ao invés de <xícara>; e, na posição final, indica caso de apócope [...]

Em <maió> no (V8), proveniente de *maior*, ocorre o mesmo processo e a mesma perda do fonema final. Já em <Lui> no (V10), forma reduzida de *Luiz*, há eliminação da consoante final, simplificando a estrutura silábica e eliminando a coda final da palavra. Em <sê> (V12) vindo de *ser*, há também eliminação do /r/ final da forma verbal do infinitivo, esse processo é frequente na fala coloquial brasileira, assim como a redução nos demais verbos no infinitivo.

Entretanto, nem todas as formas apresentadas podem ser classificadas apenas como apócope. A palavra <fi> no (V17), derivada de *filho*, envolve processos mais complexos. Além

da perda da vogal final, ocorre também simplificação da consoante palatal /ʎ/ e redução interna da palavra, fenômeno relacionado à síncope. Assim, não se trata exclusivamente de apagamento final, mas de uma redução fonológica mais ampla.

Em <vê> no (V19), referente a *ver*, observa-se o apagamento da consoante final /r/, fenômeno bastante recorrente no português brasileiro falado. A supressão desse segmento é especialmente comum em verbos no infinitivo e constitui uma das marcas mais difundidas da oralidade.

A variante <pa> no (V23), correspondente à *para*, resulta da eliminação da sílaba final /ra/. Trata-se de uma forma amplamente utilizada em contextos informais de comunicação e representa um dos processos de redução mais frequentes na fala cotidiana dos brasileiros. A variante <fei> no (V23), relacionada à palavra *feito*, apresenta a supressão da vogal final /o/. Esse processo reduz a extensão fonética da palavra, mantendo sua inteligibilidade e demonstrando a atuação de mecanismos de economia articulatória na fala. A forma <papagai> no (V23), correspondente a *papagaio*, também evidencia a apócope por meio da eliminação da vogal final /o/. A redução observada segue o mesmo padrão identificado em *feito*, preservando os elementos essenciais para o reconhecimento da palavra pelos interlocutores.

Na forma <majó> no (V25), correspondente a *major*, verifica-se novamente o apagamento da consoante final /r/. Assim como em *ver*, a retirada desse segmento final não compromete a compreensão da palavra e reflete uma tendência de simplificação fonológica característica da modalidade oral.

A forma <possuí> (V30), correspondente ao verbo *possuir*, apresenta um caso de apócope caracterizado pela supressão da consoante final /r/ do infinitivo. Esse fenômeno é amplamente recorrente no português brasileiro falado, especialmente em contextos de fala espontânea, nos quais o apagamento do /r/ final contribui para a simplificação da estrutura fonológica da palavra sem comprometer sua compreensão pelos interlocutores.

Na variante <respeitá> (V40), correspondente ao verbo *respeitar*, observa-se igualmente a eliminação da consoante final /r/. Além do apagamento desse segmento, a palavra mantém a tonicidade na última sílaba, característica comum nas realizações orais de verbos no infinitivo quando ocorre a apócope. Trata-se de uma realização bastante produtiva no português brasileiro, sendo frequentemente registrada em diferentes variedades linguísticas.

Os dados mostram que a apócope atinge diferentes classes gramaticais, não se restringindo aos verbos no infinitivo. Embora os infinitivos constituam um grupo importante: <mangá>, <fazê>, <sê>, <vê>, <possuí>, <respeitá>, o fenômeno também ocorre em substantivos: <fi>, <majó>, em adjetivo: <maió>, em preposição: <pa> e até em nomes

próprios: <Lui>. Isso sugere que, nas letras de Luiz Gonzaga, a apócope funciona como um traço fonológico mais amplo da variedade linguística representada, e não apenas como uma marca morfológica associada aos infinitivos verbais.

No quadro analisado, a maior parte das ocorrências pode ser classificada como traços graduais, pois representam fenômenos amplamente produtivos no português brasileiro falado. Entre eles destacam-se os casos de apagamento do /r/ final dos infinitivos, observados em <mangá>, <fazê>, <sê>, <vê>, <possuí> e <respeitá>. A supressão do /r/ final constitui uma das marcas mais recorrentes da oralidade brasileira e ocorre em praticamente todas as regiões do país. Também podem ser incluídas nessa categoria as formas <fei>, <papagai>, <maió> e <majó>, uma vez que apresentam processos de simplificação fonológica relativamente comuns e amplamente compreendidos pelos falantes.

Por outro lado, algumas variantes aproximam-se dos traços descontínuos, por estarem mais ligadas à fala rural ou regional e envolverem alterações fonológicas mais profundas. É o caso de <fi>, em que ocorre não apenas a eliminação de segmentos finais, mas também a redução da lateral palatal /ʎ/, fenômeno frequentemente associado a variedades populares do interior. A forma <Lui> também pode ser entendida como descontínua, pois a eliminação da consoante final não apresenta a mesma difusão observada no apagamento do /r/ dos infinitivos. Da mesma forma, <pa> pode ser interpretada como um traço descontínuo, já que representa uma redução lexical bastante característica da fala espontânea popular e regional.

Assim, os dados revelam predominância de traços graduais, especialmente aqueles relacionados ao apagamento do /r/ final dos infinitivos, fenômeno amplamente disseminado no português brasileiro. Os traços descontínuos aparecem em menor número, concentrando-se em formas que envolvem modificações fonológicas mais expressivas ou fortemente associadas à variedade regional representada por Luiz Gonzaga. Essa coexistência de traços graduais e descontínuos reforça a representação da fala popular nordestina presente nas canções, evidenciando tanto características amplamente compartilhadas no português brasileiro quanto marcas identitárias mais específicas da comunidade retratada.

Quadro 3 – Variação fonológica em *Respeita Januário*: casos de monotongação

VARIANTES NÃO PADRÃO	VARIANTE PADRÃO	REFERÊNCIA
<baxo>	baixo	V4
<falô>	falou	V9

<januáru>	januário	V10
<dĩero>	dinheiro	V27
<enricô>	enricou	V29

Fonte: dados do *corpus*.

Outro fenômeno muito presente na música é o de monotongação, em que o ditongo é reduzido. Essa característica é muito comum na oralidade popular brasileira, especialmente nas variedades regionais nordestinas, dentre as variações mais comuns, esta é a que podemos notar com mais constância.

A palavra <baxo> no (V4) resultante de *baixo* apresenta este processo, em que o ditongo [aj] é reduzido. Nas palavras de Amorim e Carvalho (2021, p. 11, *apud* Camara Jr., 1979, p. 170), a monotongação: “é uma — mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo, à vogal simples resultante [do processo].”

Esse fenômeno se repete em outras palavras, como, <falô> no (V9) derivada de *falou* em que o ditongo [ow] é reduzido a [o], isso ocorre também no substantivo *Januáru* no (V10), em que há a mudança do [iw] para [u]. Na palavra <dĩero> no (V27) derivada de *dinheiro*, o mesmo caso de troca ocorre em que [ej] dá espaço a [e]. Por fim, como conclusão, a palavra <enricô> no (V29), tem o ditongo [ow] alterado por [o].

O que pode ser percebido em ambos os fenômenos, é que o repertório comunicativo brasileiro é vasto em variedades, e tais mudanças não devem ser enxergadas como erros, mas sim com parte cultural, que deve ser vista com beleza e respeito.

Referente aos casos de monotongação, todas as ocorrências podem ser classificadas como traços graduais do português brasileiro falado. As formas <baxo>, <falô>, <dĩero> e <enricô> resultam de processos de redução de ditongos amplamente difundidos na oralidade brasileira, sendo encontradas em diferentes regiões do país e em diversos níveis de escolarização, sobretudo em contextos informais de fala. Por apresentarem ampla distribuição social e geográfica, essas variantes não estabelecem fronteiras rígidas entre grupos de falantes, característica típica dos traços graduais. Já a palavra <januáru> apresenta um caso explícito de traço descontínuo, uma vez que diz respeito a uma forma mais usual por variedades estigmatizadas.

4 UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DA MÚSICA

A fonologia, enquanto área da Linguística, dedica-se ao estudo dos sons da língua e das formas como esses sons se organizam e funcionam dentro do sistema linguístico. Diferente da fonética, que observa a produção física dos sons da fala, a fonologia preocupa-se com os padrões sonoros e com os processos que ocorrem na pronúncia das palavras. Nesse sentido, fenômenos como apócope e monotongação fazem parte dos estudos fonológicos, pois representam alterações sonoras que acontecem naturalmente na fala dos indivíduos, principalmente em contextos de oralidade e informalidade.

A análise dos fenômenos fonológicos presentes na música *Respeita Januário*, de Luiz Gonzaga, permite refletir sobre importantes possibilidades para o ensino de língua materna, especialmente a partir de uma perspectiva sociolinguística. Ao levar essas ocorrências para a sala de aula, o professor consegue aproximar o ensino da realidade linguística dos alunos, tornando o aprendizado mais significativo e menos baseado apenas em regras normativas abstratas.

Essa proposta está alinhada aos princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orienta o ensino de Língua Portuguesa a partir da compreensão da língua como um fenômeno social, histórico, cultural e heterogêneo. Ao trabalhar com os fenômenos de apócope e monotongação presentes na música *Respeita Januário*, os estudantes são levados a refletir sobre a variação linguística e a reconhecer que diferentes formas de falar possuem legitimidade em seus contextos de uso.

Além de contribuir para a aprendizagem de conteúdos fonológicos, essa abordagem favorece o desenvolvimento de uma postura crítica diante dos usos da língua, promovendo o respeito à diversidade linguística e o combate ao preconceito linguístico. Dessa forma, o ensino torna-se mais significativo, pois aproxima os conteúdos escolares das práticas reais de linguagem vivenciadas pelos alunos em seu cotidiano. Como poder ser percebido nas competências 1 e 5 da BNCC (Brasil, 2018 p. 63):

Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais [...] Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Os processos de apócope, observados em formas como <fazê>, <respeitá> e <vê>, assim como os casos de monotongação em <baxo> e <falô>, evidenciam que a língua falada sofre adaptações naturais motivadas pela economia articulatória e pela fluidez da comunicação.

Essas formas não devem ser tratadas como “erros”, mas como variantes linguísticas legítimas, inseridas em determinados contextos sociais e culturais. Essa compreensão é fundamental para combater o preconceito linguístico ainda muito presente no ambiente escolar.

Ao utilizar a música em sala de aula, o professor pode desenvolver uma prática pedagógica mais inclusiva e culturalmente sensível. A música popular nordestina oferece um material autêntico de análise linguística, permitindo que os estudantes reconheçam fenômenos presentes em sua própria fala e compreendam que a língua é heterogênea e variável. Dessa forma, o ensino deixa de ser apenas corretivo e passa a ser reflexivo.

Bortoni-Ricardo (2005) propõe uma importante reflexão sobre a diversidade linguística presente na sociedade brasileira e, principalmente, dentro da escola. Para a autora, expressões como “*nós chegemu*” não devem ser vistas apenas como erros gramaticais, mas como marcas de uma variedade linguística ligada ao contexto social, cultural e regional do falante. A língua varia de acordo com os grupos sociais e com as experiências de cada indivíduo, sendo a oralidade popular resultado de processos históricos e culturais legítimos. Dessa forma, a autora defende que toda variedade linguística possui organização e sentido dentro do grupo que a utiliza.

A reflexão da autora também evidencia o papel da escola diante dessas diferenças linguísticas. Muitas vezes, o ambiente escolar acaba reforçando o preconceito linguístico ao desvalorizar a fala dos alunos que não utilizam a norma padrão. Bortoni-Ricardo (2004) argumenta que o ensino da língua portuguesa deve ampliar a competência comunicativa do estudante, ensinando a norma culta sem apagar sua identidade linguística e cultural. Assim, a escola deve ser um espaço de respeito à diversidade, onde o aluno compreenda que existem diferentes formas de falar adequadas a diferentes situações sociais, sem que isso signifique superioridade ou inferioridade entre elas.

Além disso, trabalhar com canções como as de Luiz Gonzaga favorece o desenvolvimento da consciência linguística dos alunos. O estudante pode aprender que existem diferentes formas de uso da língua adequadas a diferentes situações comunicativas. Assim, o ensino da norma-padrão não é abandonado, mas apresentado como uma variedade necessária em determinados contextos formais, sem desvalorizar as variedades populares. Essa abordagem contribui para que o aluno amplie sua competência comunicativa.

A compreensão dessas diferenças contribui para uma prática pedagógica culturalmente sensível, já que permite ao professor reconhecer e valorizar as variedades linguísticas dos alunos, ensinando a norma-padrão sem desconsiderar suas identidades culturais e linguísticas.

Dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa torna-se mais inclusivo e contribui para o combate ao preconceito linguístico.

Outro aspecto importante dessa abordagem é a valorização cultural. As músicas de Luiz Gonzaga carregam marcas da identidade nordestina e permitem discutir não apenas língua, mas também cultura, regionalidade e pertencimento social. Quando a escola reconhece essas manifestações culturais como objeto legítimo de estudo, promove maior identificação dos alunos com o conteúdo trabalhado, fortalecendo sua autoestima linguística e cultural.

Portanto, a análise de fenômenos como apócope e monotongação na música pode contribuir significativamente para o ensino de língua materna, pois promove um aprendizado mais crítico, inclusivo e contextualizado. Essa prática ajuda os estudantes a compreenderem a diversidade linguística do português brasileiro, combate o preconceito linguístico e possibilita que a escola cumpra seu papel de formar sujeitos capazes de transitar entre diferentes variedades da língua de maneira consciente e competente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se fazer uma retomada sobre o objetivo geral desta pesquisa, que buscou analisar os fenômenos fonológicos presentes na música *Respeita Januário*, de Luiz Gonzaga, e refletir sobre suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa, percebe-se que os resultados alcançados foram satisfatórios. A análise possibilitou compreender como processos como apócope e monotongação fazem parte da oralidade popular nordestina e representam variantes legítimas da língua em uso.

O presente trabalho possibilitou compreender a importância da Sociolinguística para os estudos da linguagem, especialmente no que se refere à valorização da diversidade linguística presente no português brasileiro. A partir da análise da música *Respeita Januário*, de Luiz Gonzaga, foi possível observar como os fenômenos fonológicos da apócope e da monotongação aparecem de forma natural na oralidade popular nordestina, revelando marcas culturais e identitárias da fala regional.

O estudo também permitiu responder à pergunta problema apresentada na introdução, ao demonstrar que os fenômenos fonológicos identificados na música contribuem para discussões importantes sobre variação linguística, preconceito linguístico e ensino de língua materna, e evidenciam processos comuns na fala cotidiana e mostram que a língua sofre adaptações naturais de acordo com os contextos sociais e culturais dos falantes.

Os dados analisados demonstraram que essas variantes não devem ser compreendidas como desvios ou erros linguísticos, mas como manifestações legítimas da língua em uso,

condicionadas por fatores históricos, sociais e culturais. Nesse sentido, a pesquisa reforça os princípios da Sociolinguística, que reconhece a heterogeneidade linguística como característica inerente às comunidades de fala e contribui para o combate ao preconceito linguístico ainda presente em diversos contextos sociais e educacionais.

Além disso, as reflexões desenvolvidas ao longo do trabalho reforçam a importância de uma prática pedagógica culturalmente sensível, que reconheça e valorize a diversidade linguística presente na sala de aula. Nesse contexto, a BNCC orienta que o ensino de Língua Portuguesa considere a língua como prática social e cultural, promovendo o respeito às diferentes variedades linguísticas e contribuindo para a formação de estudantes mais críticos, conscientes e preparados para utilizar a linguagem em diferentes situações comunicativas.

Além disso, o estudo evidenciou a relevância da música como instrumento pedagógico no ensino de Língua Portuguesa. Ao trabalhar com produções culturais próximas da realidade dos estudantes, o professor torna o processo de aprendizagem mais significativo, promovendo reflexões acerca das diferentes variedades linguísticas e estimulando uma postura mais crítica e consciente diante da linguagem. Assim, o ensino da norma padrão pode ocorrer de maneira equilibrada, sem desvalorizar as variedades populares que fazem parte da identidade dos falantes.

Dessa forma, conclui-se que a análise sociolinguística de manifestações culturais, como as músicas de Luiz Gonzaga, contribui não apenas para os estudos da linguagem, mas também para a construção de uma educação mais inclusiva, democrática e sensível às diferenças linguísticas e culturais existentes no Brasil. Por fim, espera-se que esta pesquisa possa incentivar novas discussões sobre o ensino de língua materna a partir de uma perspectiva sociolinguística, valorizando a pluralidade linguística e cultural presente na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Thiago de Sousa. CARVALHO, Lucirene da Silva. Variação Fonológica na Voz do “Poeta do Povo” Um Estudo de Viés Sociolinguístico da Canção Popular “Na Asa do vento”, de João do Vale. **Revista Philologus**, Ano 27, n. 81 Supl., Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez., 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1074>. Acesso em: 23 de mai de 2026.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?** sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 17 jun. 2026.

COELHO, Izete Lehmkuhl; *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SEARA, Izabel Christine. **Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período** / Izabel Christine Seara, Vanessa Gonzaga Nunes, Cristiane Lazzarotto-Volcão – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.